

# INFRAESTRUTURA ESCOLAR E RECURSOS MATERIAIS: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA CONTEMPORÂNEA

## SCHOOL INFRASTRUCTURE AND MATERIAL RESOURCES: CHALLENGES FOR CONTEMPORARY PHYSICAL EDUCATION

João Paulo Ximenes Carvalho **1**  
Marciel Barcelos **2**  
Rodrigo Lema Del Rio Martins **3**

**Resumo:** Analisa do ponto de vista discente, a infraestrutura e os recursos materiais disponibilizados para as aulas de Educação Física da rede pública de Miranorte/TO. Emprega uma pesquisa de campo descritiva-interpretativa, realizada por meio de observações de aulas registradas em diário de campo e em imagens fotográficas, aliada à aplicação de um questionário a 94 discentes do 9º ano do Ensino Fundamental II. As respostas, analisadas com auxílio do software Iramuteq, mostraram que a avaliação negativa por parte dos estudantes deve-se ao fato de o espaço físico e os materiais serem precários e insuficientes para promover experiências diversificadas de práticas corporais, bem como colocar em risco a saúde dos escolares. Esses fatores geram, como consequência, desmotivação para a participação nas aulas.

**Palavras-chave:** Infraestrutura. Recursos materiais. Educação Física. Ensino Fundamental.

**Abstract:** From the student's point of view, it analyzes the infrastructure and material resources available for the Miranorte-TO public school Physical Education classes. It employs a descriptive-interpretative field research, carried out through observations of classes recorded in field diary and photographic images, coupled with the application of a questionnaire to 94 students of the 9th grade of Elementary School. The answers analyzed with the aid of Iramuteq software showed that the students' negative evaluation is due to the fact that the physical space and materials are precarious and insufficient to promote diversified experiences of body practice, as well as endangering the health of the students. These factors generate, as a consequence, demotivation for class participation.  
**Keywords:** Infrastructure. Material Resources. Physical Education. Elementary School.

---

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins **1**  
(UFT). Membro do Grupo de Investigação Pedagógica em Educação Física (GIPEF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5994591425102165>.  
E-mail: [jpcx07@gmail.com](mailto:jpcx07@gmail.com)

Doutor em Educação Física, Professor do curso de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Líder do Grupo de Investigação Pedagógica em Educação Física (GIPEF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8918119235589801>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1181-8724>.  
E-mail: [marcielbarcelos@uft.edu.br](mailto:marcielbarcelos@uft.edu.br)

Doutor em Educação Física, Professor do curso de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Líder do Grupo de Investigação Pedagógica em Educação Física (GIPEF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9215131825606115>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1082-2425>.  
E-mail: [rodrigodrmartins@uft.edu.br](mailto:rodrigodrmartins@uft.edu.br)

## Introdução

Na condição de componente curricular obrigatório da educação básica, a Educação Física trabalha pedagogicamente com as práticas corporais (esportes, lutas, ginásticas, jogos, brincadeiras e danças), buscando a formação integral do aluno. Esses elementos da cultura corporal de movimento precisam ser vivenciados na escola, em ambientes que extrapolam a sala de aula tradicional. Não significa dizer que todos os conteúdos e atividades desenvolvidas sejam em espaços físicos externos, porém a natureza do objeto de que se encarrega a Educação Física, permeada pelo saber inscrito no corpo (CHARLOT, 2009), requisita espaços e materiais próprios.

Para que as aulas de quaisquer componentes curriculares aconteçam, é necessário que haja um espaço físico adequado. Segundo Oliveira e Silva (2009), a estrutura física da escola não é um fator importante apenas para a Educação Física, mas para todas as áreas do conhecimento, respeitando as peculiaridades de cada uma. Em sentido complementar, os materiais pedagógicos disponibilizados são tão fundamentais quanto a infraestrutura oferecida, já que é com eles que são desenvolvidas as aulas.

A precariedade de materiais e de infraestrutura para o desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar constituem um dos grandes desafios para a nossa área e gera, como consequência direta, a desmotivação dos estudantes da educação básica em participarem das atividades propostas pelos professores (PRANDINA; SANTOS, 2016).

Não é raro nos depararmos com a falta de quadras esportivas nas escolas públicas ou, quando existem, encontram-se em alto grau de deterioração, impactando diretamente na forma como os alunos se apropriam e compreendem a importância da educação física no projeto de escolarização.

Para se ter uma ideia, o Censo Escolar de 2017 (INEP, 2018) aponta que seis em cada dez escolas públicas no país não contam com quadras esportivas, fato que pode ser considerado um problema para o desenvolvimento da Educação Física nas unidades de ensino. Isso ocorre apesar de o Brasil e a cidade do Rio de Janeiro, nos últimos 13 anos, terem sediado megaventos esportivos internacionais, como os Jogos Pan-americanos (2007), os Jogos Mundiais Militares (2011), a Copa das Confederações (2013), a Copa do Mundo (2014), Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (2015), os Jogos Olímpicos e Paralímpicos (2016) e a Copa América (2019). Mesmo com tamanho investimento em esportes de alto rendimento, ainda observamos a ausência de infraestrutura básica para a prática do desporto escolar e da própria Educação Física.

Uma outra problemática que identificamos com base na nossa experiência concreta como professores da educação básica e do ensino superior é o fato dessa questão estar sendo naturalizada na formação inicial. Percebemos que os licenciandos em Educação Física são tencionados a serem criativos, a exercitarem, nos estágios supervisionados e nas disciplinas de práticas de ensino, a promoção de aulas com materiais alternativos, não como forma de ampliar o repertório e a qualidade das práticas corporais a serem construídas com os estudantes, mas como meio de mitigar as deficiências nas condições de trabalho docente e como mecanismo de “preparação” e “aceitação” do cenário que os futuros professores, provavelmente, encontrarão no exercício da profissão.

No transcurso da escolarização obrigatória brasileira,<sup>1</sup> os anos finais do ensino fundamental são o único interstício da etapa da educação básica em que a Educação Física é ofertada pelo poder público e pelas instituições privadas de ensino, tendo como exigência a presença de professores com formação específica.<sup>2</sup> A oferta do ensino fundamental deve ser feita preferencialmente pelos municípios. Contudo, em diversos contextos, o Poder Estadual divide tal

1 A partir da vigência da Lei nº 12.796/2013, os pais ficam responsáveis por matricularem seus filhos na Pré-escola da Educação Infantil aos 4 anos de idade e pela permanência deles até os 17 anos, quando se espera que tenham concluído o Ensino Médio.

2 Na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as professoras com formação em Pedagogia estão habilitadas para ministrar a “disciplina” de Educação Física. Na última etapa da Educação Básica, com a reforma do Ensino Médio, a Educação Física ficou diluída na área de Linguagens, compondo apenas um dos itinerários formativos a serem escolhidos pelos estudantes. Essa mesma reforma ainda estabelece a figura do “notório saber”, mecanismo pelo qual pessoas sem formação profissional podem lecionar, desde que “comprovada” sua expertise. Por esse recurso, a Educação Física pode ser ensinada por ex-atletas, por exemplo.

responsabilidade. Em ambos os casos, os recursos destinados à educação nem sempre são suficientes para manter uma boa infraestrutura escolar, principalmente em relação ao espaço físico específico para utilização nas aulas de Educação Física. A disponibilização de materiais, como bolas (de variadas modalidades), cones, cordas, arcos, colchonetes etc., em quantidade e qualidade adequada também é impactada pela escassez de recursos.

Num cenário de pouco investimento na educação pública, via de regra, esses poucos recursos costumam ser direcionados para as demandas consideradas mais importantes, tais como aquelas necessárias para promover o ensino-aprendizagem das demais áreas do conhecimento. Essa nossa afirmação encontra eco no estudo de Souza Júnior, Santiago e Tavares (2011), para os quais Língua Portuguesa e Matemática são tradicionalmente reconhecidas como disciplinas de maior prestígio e importância no currículo, enquanto a Educação Física, ao lado da Arte, é considerada secundária e de menor valor. Uma das razões que ajudam a explicar essa distinção de *status* é que

[...] o ler, o escrever e o contar configuraram-se como o essencial na cultura escolar, sendo compreendidos, inclusive, como os conteúdos do domínio intelectual. Por outro lado, na Educação Física e na Arte, há certo menosprezo pelos seus conteúdos de ensino, inclusive por trabalharem, em alguns momentos, com os elementos do domínio corporal (SOUZA JÚNIOR; SANTIAGO; TAVARES, 2011, p. 186).

A escola, como lugar da palavra, do texto, da linguagem propriamente dita, configura-se como “Império da razão” (CHARLOT, 2009). Ainda apoiados em Charlot (2009), o corpo e suas ações, na escola, são tomados como obstáculos para as aprendizagens consideradas relevantes. Nessa mesma perspectiva, Bracht (1999) afirma que o corpo é o “outro da razão”, que se opõe aos desígnios do intelecto.

A partir dessa problematização que expõem, de um lado, a necessidade de espaços físicos e de materiais específicos para a materialização da Educação Física e, por outro, as péssimas condições de trabalho derivadas da ausência de investimentos no sistema educacional, resolvemos estudar essa questão no âmbito da cidade de Miranorte/TO,<sup>3</sup> ouvindo os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

O objetivo deste artigo é analisar, do ponto de vista discente, a infraestrutura física e a disponibilidade de materiais destinada às aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental público de Miranorte/TO.

Consideramos importante discutir essa questão que afeta diretamente o fazer pedagógico da Educação Física, impactando, simultaneamente, docentes e discentes. Igualmente fundamental, é problematizar esse tema no contexto de Miranorte/TO, tendo em vista a carência de pesquisas que focalizam os desafios e potencialidades dos processos educacionais existentes no interior tocantinense.

## Metodologia

O método utilizado foi a pesquisa de campo com viés descritivo-interpretativo. Foram utilizados como instrumento para produção de dados: a aplicação de questionários compostos por perguntas destinadas aos estudantes das turmas do 9º ano do ensino fundamental e registros fotográficos e em diário de campo dos espaços físicos, materiais e das aulas de Educação Física nas escolas públicas de Miranorte/TO.

A cidade conta com oito escolas de ensino fundamental, sendo seis destas de responsabilidade do município e duas do governo estadual. Segundo dados fornecidos pela secretaria municipal de educação, nessa etapa da Educação Básica, as redes municipal e estadual atenderam a 2.200 alunos matriculados em 2018.

Na Tabela 1 a seguir, estão detalhados, numericamente, os dados acerca dos sujeitos que se enquadram no critério de seleção adotado nesta pesquisa:

<sup>3</sup> Município distante 105 km de Palmas/TO, capital do Estado do Tocantins, que possui uma população estimada em 13.434 habitantes (IBGE, 2019).

**Tabela 1.** Quantidade de turmas de 9º ano, de discentes e de docentes no município de Miranorte/TO.

Dependência administrativa	Nome das escolas	Nº de turmas de 9º ano	Nº de alunos de 9º ano	Nº de professores de EF no 9º ano
Rede Municipal	Escola Municipal de tempo integral “São José”	1	9	0
	Escola Municipal de Tempo Integral “Getulio Mudim de Oliveira”	1	12	0
Rede Estadual	Centro de Ensino Médio “Rui Brasil Cavalcante”	6	181	1

**Fonte:** Secretaria Municipal de Educação de Miranorte e Diretoria Regional de Ensino de Miracema/TO-Secretaria Estadual de Educação do Tocantins (2019).

Tendo em vista que as escolas municipais “São José” e “Getulio Mudim de Oliveira” não possuem professores Licenciados em Educação Física, elas foram excluídas deste estudo. Portanto, a pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Médio “Rui Brasil Cavalcante.”

Acompanhamos as atividades desenvolvidas por estudantes e professores na referida escola durante os meses de outubro e novembro de 2019, nos turnos matutino e vespertino, registrando-as em diário de campo e por meio de fotografias. Também produzimos dados com os 94 discentes (52% do total) que aceitaram responder o questionário impresso, composto pelas seguintes perguntas: 1) Como você avalia o espaço físico onde são realizadas as suas aulas de Educação Física? 2) Como você avalia a quantidade, a variedade e a qualidade dos materiais utilizado nas suas aulas de Educação Física? 3) Diante do espaço físico e dos materiais oferecidos pela escola para a prática de Educação Física, como você avalia a sua motivação para participar das aulas dessa disciplina? As respostas a essas perguntas foram tratadas no *software* Iramuteq.<sup>4</sup>

Entre os recursos disponíveis no referido *software*, utilizamos: Nuvem de Palavras e Análise de Similitudes. O primeiro agrupa as palavras e as organiza graficamente em função da sua frequência (repetições). O segundo, por sua vez, está ancorado na teoria dos grafos (elementos combinatórios) e permite identificar as coocorrências entre as palavras e a conexão que há entre elas, auxiliando na identificação da estrutura do texto (CAMARGO; JUSTO, 2013).

O exame interpretativo dos registros em diário de campo, das imagens provenientes das observações das aulas e das respostas ao questionário foram realizados em diálogo com a literatura científica que focaliza o impacto da infraestrutura e dos materiais na prática pedagógica da Educação Física.

Mediante a natureza do estudo apresentado, este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins e aprovado sob o parecer nº 3.619.858/2019.

## Apresentação e Análise dos Dados

Ao serem perguntados sobre “Como você avalia o espaço físico onde são realizadas as suas aulas de Educação Física?” foi possível formar a seguinte Nuvem de Palavras:

<sup>4</sup> *Software* gratuito e com fonte aberta, desenvolvido pelo docente da Universidade de Toulouse III, Dr. Pierre Ratinaud, do Laboratório de Estudos e Pesquisas Aplicadas em Ciências Sociais, e que realiza análises sobre *corpus* textuais amplos, permitindo fazer inferências de sentido e significado as palavras. Esse programa tem sido bastante utilizado em pesquisas na Educação Física, em especial, nos estudos oriundos do Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e seus Fazeres (NAIF), da Universidade Federal do Espírito Santo.





Bem, primeiramente, nossa quadra está em péssimo estado, pois não tem teto. Ela fica praticamente no meio do sol quente e nem dá para nós praticarmos nossas aulas práticas (DISCENTE 1).

Ruim demais. Não dá para jogar nada porque o sol é ruim demais (DISCENTE 8).

O espaço que usamos é bom o que falta é cobrir a quadra porque o sol as vezes é muito quente e não podemos praticar nossas aulas (DISCENTE 11).

O espaço não é dos melhores, pois a quadra da escola não é coberta. Isso acaba atrapalhando um pouco o rendimento das aulas (DISCENTE 13).

O espaço é até grande, mas a quadra não é coberta, então o sol é muito quente para quem está jogando bola ou fazendo qualquer outra atividade física (DISCENTE 49).

A ausência de uma proteção para o sol e a chuva na quadra pode ser conferida nos registros fotográficos que fizemos no período de inserção no campo:

Quadro de imagens 1. Imagens da quadra de esportes exposta ao sol



**Fonte:** Os autores.

O Quadro de imagens 1 corrobora com as narrativas dos discentes, que destacam que o problema se agrava durante o turno vespertino, quando há o aumento de temperatura, dificultando a realização das aulas práticas de Educação Física, que, na sua maioria, são ministradas nos primeiro e segundo horários, entre 13h e 13h50 da tarde. Esse é um fator que prejudica a participação efetiva dos discentes nas atividades, limitando as aulas fora da sala, impactando na aprendizagem e, conseqüentemente, no próprio entendimento acerca do que a Educação Física ensina.

As condições climáticas do Tocantins são de calor intenso em grande parte do ano, o que pode ocasionar danos à saúde dos discentes em caso de exposição excessiva ao sol, como ressaltam Tokuyochi *et al.* (2008, p. 425):

Somos um país tropical, caracterizado por uma predominância de clima quente e ensolarado. No entanto, boa parte das escolas não possui a cobertura de suas quadras. Não é preciso ressaltar o perigo da exposição solar prolongada e as limitações que o clima quente impõe sobre a atividade física.

A preocupação com a saúde é citada por alguns alunos, que sentem desconforto em realizar suas aulas práticas na quadra expostas ao sol:

Não tem muita estrutura boa para colocar os alunos, ficamos no sol se queimando, prejudicando a saúde dos alunos. Queremos que coloque cobertura na quadra para os alunos não se queimarem no sol (DISCENTE 43).

Eu acho que poderia ser melhor, pois onde praticamos as aulas é uma quadra que não é coberta e quase sempre não podemos jogar bola ou praticar outros esportes, pois não é um espaço coberto e podem ocorrer algumas coisas graves à saúde (DISCENTE 6).

Como alternativa a esse problema, registramos diferentes momentos em que o professor utilizou a sala ou um local que possui sombras das árvores para mobilizar os conteúdos de ensino da Educação Física. O espaço, mesmo não sendo destinado a essa finalidade (construído para o desenvolvimento de práticas corporais sistematizadas), acaba por suprir superficialmente parte das necessidades pedagógicas das aulas. Dependendo do horário e das condições climáticas do dia, o professor opta por utilizar esse ambiente a fim de realizar alguma atividade.

As fotografias abaixo evidenciam que esse não é um espaço adequado devido ao tamanho e por ter um terreno irregular com pedras, galhos entre outros objetos que colocam em risco à integridade física dos estudantes, ou seja, as questões relativas a preservação da saúde dos discentes continua em xeque.

#### Quadro de imagens 2 – espaço externo utilizado pelo professor de Educação Física



**Fonte:** Os autores.

No movimento de cruzamento de fontes, entre registros em diário de campo, fotografias e as narrativas dos discentes, percebemos a avaliação que eles fazem desse espaço e, novamente, destacam sua vontade de ter um local adequado para o aprendizado dos conteúdos da Educação Física.

[...] os alunos tiveram dificuldade no início devido ao espaço ser pequeno e alguns alunos não quiserem participar, então o professor pediu que todos os alunos participassem, alguns alunos reclamaram que é perigoso correr naquele local devido ter muitas pedras e tijolos no chão (DIÁRIO DE CAMPO, 4-11-2019).

[...] o espaço de jogar vôlei é muito pequeno (DISCENTE 91).

O melhor lugar é a quadra e ainda assim não é um bom lugar, pois não tem cobertura e os alunos jogam no sol quente O espaço onde ficam as redes de vôlei são lugares inapropriados (DISCENTE 77).

Reconhecemos o esforço por parte do docente da escola em buscar alternativas para o problema, não deixando de exercer o seu trabalho pedagógico sob a justificativa de ausência de condições. Entretanto, a naturalização dessa situação atinge diretamente a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, prejudicando os estudantes, que merecem ter suas aulas práticas em espaço físico conveniente e com acesso a recursos materiais adequados. Nesse sentido, concordamos com Damazio e Silva (2008, p. 193) ao afirmarem que

[...] as condições materiais (instalações, material didático, espaço físico) interferem de modo significativo nos trabalhos pedagógicos. Os esforços dos professores, por mais criativos que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho.

As condições da infraestrutura e os materiais disponíveis são relevantes para a Educação Física, tornando-se partes integrantes do contexto escolar e do sucesso dos docentes em suas intervenções pedagógicas, além de influenciar de forma positiva na aprendizagem dos alunos (MARCON *et al.*, 2016), possibilitando a eles ampliarem suas percepções e aprendizagens sobre um conteúdo, bem como mobilizá-los para além do espaço escolar.

É interessante percebermos que as avaliações dos discentes não focalizam somente as altas temperaturas, haja vista que houve uma quantidade significativa de narrativas que mencionam a chuva como outro fator que dificulta a realização das aulas de Educação Física na quadra sem cobertura. Em dias chuvosos, os alunos são obrigados a permanecerem em suas respectivas salas de aulas, dificultando a realização de atividades práticas, impactando o planejamento do professor e impossibilitando, inclusive, a utilização dos ambientes criados para amenizar a ausência da cobertura na quadra, retratados no Quadro de imagens 2 (acima). A seguir, apresentamos duas narrativas que reforçam essa preocupação dos discentes.

Falta a cobertura da quadra, pois o dia de calor pegamos o sol todo e dia de chuva nós nem vamos para fora. Queremos que cubra a quadra! (DISCENTE 83).

Nós somos acostumados a irmos às aulas de educação física para a quadra, mas quando o sol está quente ou está chovendo nós não vamos para a quadra porque ela não é coberta. Então, nós ficamos na sala ou no pátio (DISCENTE 19).

Os discentes citam a chuva como um problema, assim como o calor excessivo. Eles ficam na expectativa da chuva acabar para poderem ir à quadra, mesmo estando molhada, para a realização das aulas práticas, voluntariando-se, inclusive, para enxugá-la, como mostra o Quadro de imagens 3:

**Quadro de imagens 3.** Quadra sendo enxugada pelos discentes.



**Fonte:** Os autores.

Todas essas dificuldades são enfrentadas cotidianamente pelo professor e pelos discentes, que não conseguem vivenciar e praticar atividades típicas da Educação Física com qualidade. Essas dificuldades foram apontadas pelos discentes em suas respostas e percebidas em nossas observações *in loco*, oferecendo-nos um panorama das limitações que atingem a qualidade do ensino-aprendizagem da Educação Física na rede estadual em Miranorte/TO. Essa situação extrapola o contexto tocantinense, constituindo a realidade da grande maioria das escolas públicas do país (ARAÚJO, 2012).

Para Souza Lima (1998, p. 31), a escola não é um “estacionamento de crianças”. “O espaço físico é material riquíssimo e está sendo desprezado. Nos projetos de construções escolares, não há lugar para bibliotecas, laboratórios e quadras de esportes, o que limita as possibilidades de aprendizado”. Para além do espaço, outro elemento importante para o desenvolvimento das aulas de Educação Física são os materiais esportivos e as demais práticas corporais. Na Figura 3 a seguir, estão dispostas as palavras de maior frequência nas respostas à pergunta 2: “Como você avalia a quantidade, a variedade e a qualidade dos materiais utilizado nas suas aulas de Educação Física?”

**Figura 3.** Nuvem de palavras relativa à pergunta 2.



**Fonte:** Os autores.



A quantidade de materiais que nós temos para usar nas nossas aulas práticas são bem poucos, só temos um tipo de material para usar nas aulas práticas, apenas bola de futebol e uma de vôlei (DISCENTE 1).

Ruim, pois sempre falta equipamentos adequados para realizar as atividades propostas e os que tem não funcionam, só tem bolas murchas (DISCENTE 35).

Quantidade pouca, variedade de materiais utilizados são apenas duas bolas de vôlei uma bola de futebol e uma mesa de ping-pong com qualidade ruim e as bolas são murchas e desgastadas (DISCENTE 2).

Já estão muito velhos, ficam ruins para praticar os esportes, precisamos de novos materiais (DISCENTE 52).

A precariedade, aliada à baixa quantidade de materiais para muitos estudantes, 25 em média por turma, torna a situação grave. Ambos os fatores são determinantes para que uma parte significativa dos discentes fiquem sem realizar atividades nas aulas. Segundo Canestraro, Zulai e Kogut (2008), os materiais se constituem como elementos didáticos fundamentais para melhorar a participação dos alunos nas aulas e alcançar aprendizagens diversas com a disciplina de Educação Física.

As próximas narrativas reforçam essa percepção:

Poderia ser melhor, tem poucos objetos e repetidos como bola, jogos e outros, no qual os alunos têm que esperar o outro terminar para poder usar estes objetos (DISCENTE 79).

A quantidade é ruim, pois quando queremos usar alguma coisa não podemos, porque já tem gente usando. A variedade também é ruim, pois não tem muitas coisas para se usar e por isso muitos alunos ficam sem participar (DISCENTE 2).

Na Educação Física precisa ter mais materiais, melhorar, só tem alguns materiais básicos como bola de basquete, bola de vôlei e outras mais. O que eu falo sobre isso é que tem que melhorar, o governo deve ajudar com materiais para os alunos (DISCENTE 69).

Outro fator que prejudica a qualidade das aulas de Educação Física é a falta de variedade de materiais didático-esportivos, pois o professor não conta com materiais disponíveis para diversificar suas aulas e os alunos sentem a necessidade de realizar outros tipos de atividades esportivas que não sejam somente o futsal e o voleibol. A ausência de materiais diferentes limita a vivência dos alunos em praticar não somente os esportes, mas, também, outros conteúdos que englobam a Educação Física, como a Ginástica, a Dança, as Lutas, os Jogos e as brincadeiras.

Ruim, pois nas aulas muitas vezes faltam materiais para nós alunos usarmos. Se tivesse esportes diferentes seria bom, mas só tem futebol e futsal (DISCENTE 74).

Bom, não gosto de futebol e na maioria das aulas é esse esporte que praticamos, talvez se a escola fosse adaptada para nos proporcionar algum esporte diferente as aulas seriam mais proveitosas (DISCENTE 51).

Precisa melhorar, pois a quantidade é muito pouca, precisamos de bola de vôlei, futebol, handebol etc. precisamos também urgentemente de rede de vôlei, pois a nossa está completamente um desastre (DISCENTE 18).

Não são nada bons, a bola de futsal não é boa, a de vôlei tem dia que nem está prestando, não tem mesa de ping-pong e as redes de vôlei estão quase todas rasgadas (DISCENTE 54).

A diversificação de conteúdos não é apenas uma questão de opção do professor ou desejo dos alunos, trata-se de uma exigência legal/pedagógica trazida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017). A BNCC define que a Educação Física deve oferecer experiências corporais diversificadas no ensino fundamental, estabelecendo que o trabalho pedagógico dessa área de conhecimento precisa contemplar as seguintes “Unidades Temáticas”: Jogos e Brincadeiras, Esportes, Danças, Ginásticas, Lutas e Práticas Corporais de Aventura (BRASIL, 2017). Ainda que a BNCC aponte para a necessidade de ampliação do repertório de práticas corporais de movimento nas aulas de Educação Física, Mello et al. (2016, p. 145) ponderam que as condições de trabalho interferem diretamente na materialização de qualquer proposta curricular. “Isso porque, aspectos como organização dos tempos e rotinas, materiais, espaços, entre outros, são determinantes para dizer se a BNCC é exequível nos termos em que ela se propõe”.

Mesmo diante dessa adversidade, notamos um valoroso esforço por parte do docente em propiciar atividades pedagógicas circunscritas aos saberes que tratem a Educação Física para além do “Quarteto Fantástico” (BETTI, 1999). O Quadro de imagens 4, abaixo, demonstram esses momentos no cotidiano escolar, no qual o professor explora outros espaços e materiais disponíveis na escola:

**Quadro de imagens 4.** atividades propostas nas aulas de Educação Física em espaços alternativos.



**Fonte:** Os autores.

A improvisação de espaço e de materiais mais citadas pelos estudantes incidem sobre as atividades voltadas ao voleibol, nas quais é utilizada uma bola de futsal ao invés de uma bola

própria para a modalidade. Não bastasse essa improvisação, o jogo de voleibol é realizado com a única rede disponível, já totalmente desgastada.

Sim, só que as bolas para o voleibol não é a própria para o esporte (DISCENTE 17).

Não são muitos materiais que usamos e o que usamos a maioria é estragado e quebrado, tem alguns materiais que o professor tem que improvisar (DISCENTE 11).

A quantidade de material é pouca, não tem variedades para jogar aqui, só se joga futebol ou vôlei, e os materiais são muitos desgastados, as vezes o professor traz da casa dele para poder ter aulas práticas (DISCENTE 30).

São péssimos, a maioria dos materiais o professor traz de casa para a escola (DISCENTE 47).

Para Sebastião e Freire (2009), o professor de Educação Física pode fazer adaptações no espaço existente, usando sempre da criatividade para superar as dificuldades encontradas na ausência de infraestrutura e de materiais pedagógicos. Em que pese ser uma ação que visa qualificar suas aulas práticas, obter maior interesse e participação dos alunos e alcançar os objetivos de suas aulas, há o risco de naturalização, tanto por parte do docente quanto dos discente, desse cenário adverso. Nesse caso, a aceitação passiva pode significar um entrave à luta por melhores condições de trabalho e de ensino.

É importante destacar que não estamos defendendo que o docente não deve realizar adaptações, uma vez que existem diferentes realidades no fazer pedagógico com os conteúdos de ensino, especialmente no âmbito da educação adaptada e na mobilização de esportes “não tradicionais”, como o Beisebol, o *Softbol*, o Golfe, o *Curling*, o *Freesbi*, entre outros (BRASIL, 2017).

Outra atividade que se realiza com improviso é o Tênis de Mesa. As práticas ocorrem sobre uma tábua de madeira em cima de duas cadeiras, utilizando raquetes feitas de papelão. O improviso é tamanho que, muitas das vezes, o professor não consegue a rede da mesa, fato que leva os estudantes a colocarem tijolos para simbolizar a rede.

**Quadro de imagens 5.** Mesa adaptada para o ensino do tênis de mesa.

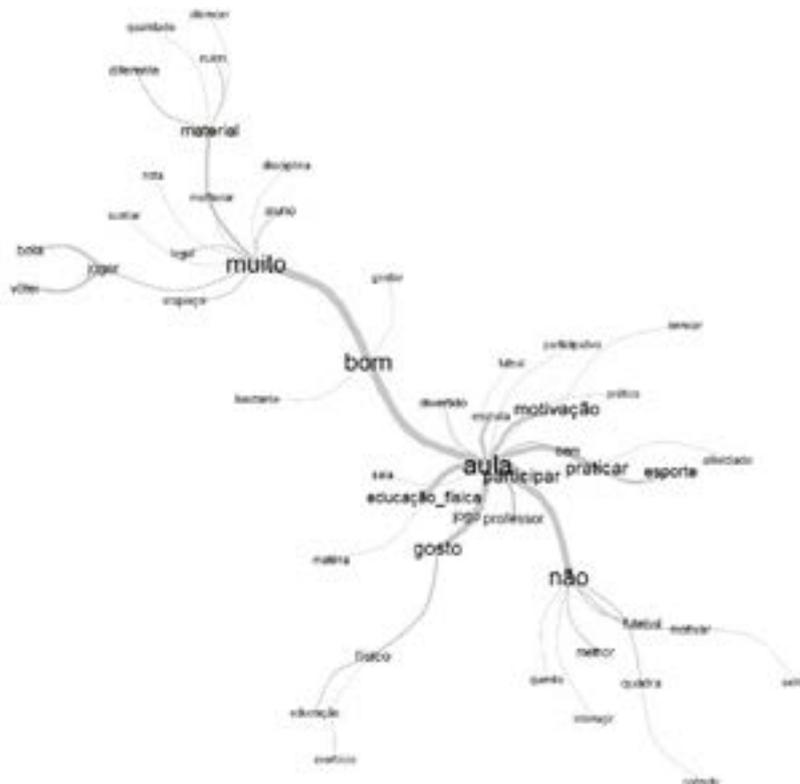


**Fonte:** Os autores.



*FÍSICA* e *PROFESSOR* se destacam. A relação intrínseca entre essas palavras pode ser observada com mais precisão na Figura 6 a seguir:

**Figura 6.** Análise de Similitude relativa à pergunta 3.



**Fonte:** Os autores.

Convergindo com as análises empreendidas acerca das respostas anteriores, percebemos que os discentes consideram uma boa aula aquela que é realizada quando há diversificação de materiais. Encontramos, também, consonância com as respostas à pergunta 1, a partir da conexão das palavras **NÃO**, **QUENTE**, **COBERTO**, **SENTIR**. Trata-se da mesma crítica já tecida ao modo como o espaço físico prejudica a efetivação de aulas de Educação Física na escola investigada. Destarte, pela conexidade entre os termos expostos na Similitude acima (Figura 6), é possível afirmar que a infraestrutura e os materiais são fatores determinantes para a motivação dos alunos em participarem das atividades pedagógicas da Educação Física escolar. Os excertos apresentados a seguir fortalecem a nossa interpretação:

Eu tenho grande motivação para ir as aulas, só precisa melhorar o lugar e os materiais (DISCENTE 41).

Não tenho muita motivação, pois o espaço e os materiais são ruins e são os melhores que o governo pode oferecer (DISCENTE 6).

Devido à falta de material para praticar as atividades físicas, o espaço impróprio para a prática da atividade é uma coisa insatisfatória (DISCENTE 7).

Muito baixa, é muito quente o chão sem o teto e os materiais estão ruins, tem que melhorar muito (DISCENTE 30).

Ante a essa constatação, reforçamos o nosso entendimento de que o espaço físico e os materiais são elementos indispensáveis à participação dos alunos nas aulas do componente curricular Educação Física. Contudo,

Entendemos o espaço da escola não apenas como um lugar que abriga alunos, livros, e professores, mas um ambiente em que se realizam atividades de aprendizagens. Ele próprio é educativo e contém “conteúdos”. A escola, portanto, é mais do que uma estrutura física/material, é produção de aprendizagem que envolve relações sociais de formação de pessoas. Há uma docência do espaço (OLIVEIRA; SILVA, 2009, p. 4).

A infraestrutura de uma escola, mais do que um lugar para a realização de aulas, representa a conformação de um espaço produzido pelos sujeitos que vivenciam cotidianamente a instituição escolar. Nos termos de Certeau (1994), o espaço é um lugar praticado, permeado por sentidos e significados atribuídos por aqueles que o habitam.

As fotografias a seguir expõem o modo tático<sup>5</sup> (CERTEAU, 1994) como os escolares se relacionam com as aulas de Educação Física, haja vista a sua motivação:

**Quadro de imagens 6.** Discentes durante as aulas de educação física.



**Fonte:** Os autores.

Muitos alunos afirmam que o espaço físico interfere na sua motivação para participar das aulas, pois a exposição ao sol dificulta a prática das atividades. Os alunos relatam gostar de Educação Física, mas as condições da quadra geram desmotivação e, por essa razão, preferem não participar. As narrativas abaixo indicam esse movimento:

Pouca motivação, pois as aulas são pela tarde. Como está se referindo a nossa escola, nossa quadra não tem cobertura, aí eu não quero ir, e também não tem graça de ficar brincando no sol quente, aí eu fico no meu canto (DISCENTE 22).

Seria bem melhor se a quadra estivesse coberta, me sentiria motivado pra participar das atividades (DISCENTE 24).

A motivação é pouca, pois nem estrutura adequada temos (DISCENTE 68).

Eu sou bastante motivado, mas desmotivado quando temos que

<sup>5</sup> Para Certeau (1994), os sujeitos que operam com esses ditames não se comportam de forma passiva e, por meio de ações táticas, no sentido certeuriano do conceito, burlam, resistem e ressignificam o seu conteúdo em função das necessidades contextuais oriundas do cotidiano.

ir para quadra e o sol está quente porque ela não é coberta (DISCENTE 58).

As aulas de Educação físicas são boas. Temos aulas práticas e não práticas. Isto é, se o espaço físico fosse melhor, acho que todos gostariam de participar (DISCENTE 25).

A literatura acadêmica que se dedica a estudar fatores motivacionais para a participação nas aulas de Educação Física aponta que o comportamento dos colegas (especialmente nas aulas com prática esportiva), os exercícios físicos, as escolhas das atividades pelos professores e a infraestrutura escolar se destacam como as principais razões para o baixo engajamento dos estudantes (MOREIRA *et al.*, 2017).

Importante ressaltar que a motivação não está ligada exclusivamente à precariedade da infraestrutura e da escassez de materiais. Não podemos desconsiderar a existência da “periferia da quadra”, conforme identificado por Oliveira e Daólio (2014). Para os autores, a “periferia da quadra” é uma referência subjetiva aos tempos de aula de Educação Física vivenciados pelos discentes que se distanciam da proposta pedagógica previamente planejada pelo docente, ou seja, é um modo próprio de os alunos consumirem – nos termos de Certeau (1994)<sup>6</sup> – o espaço-tempo da aula de Educação Física na escola, preferindo sentar-se na arquibancada, ouvir música, dançar, estudar para outros componentes curriculares, rir dos colegas ou participar sem muito interesse na atividade.

A Educação Física escolar, de acordo com Bracht *et al.* (2013), citado por Oliveira e Daólio (2014, p. 72), indica que “[...] ao longo de sua história, consolidou sua imagem/status na escola como uma disciplina menos rígida do currículo, um momento de sair da rotina da sala de aula e/ou até mesmo apoio pedagógico para outras disciplinas.

Pelo exposto, as falas dos sujeitos, as nossas observações e imagens registradas demonstram que os fatores estruturais e materiais são preponderantes para a uma participação diminuta dos estudantes. Entretanto, reconhecemos, com base no acumulado de estudos progressos, que já apontam ser esse um problema multifatorial (MOREIRA *et al.*, 2017), que a desmotivação em participar das aulas de Educação Física não se encerra nessas duas dimensões que compõem a prática educativa.

## Considerações Finais

O presente artigo buscou problematizar o impacto que a infraestrutura e os materiais geram nas aulas de Educação Física em uma escola pública de Miranorte/TO. Para tanto, recorremos a uma pesquisa de campo que evidenciou que a escola pesquisada não possui uma infraestrutura adequada, sobretudo, devido à falta de cobertura da quadra de esportes. Também ficou latente que não dispõe de materiais didáticos-esportivos de qualidade e em quantidade suficiente para a prática das Unidades Temáticas definidas pela BNCC como obrigatórias ao ensino da Educação Física no ensino fundamental.

Nossas fontes, produzidas por meio da aplicação de questionário, levam-nos a compreender que a infraestrutura disponível para as aulas de Educação Física causa desconforto ao docente e aos discentes devido às condições precárias da quadra de esportes, impactando na realização das atividades e colocando em risco a saúde e integridade física dos educandos.

Esse fato força a improvisação, igualmente precária, de outros espaços para a realização das aulas práticas, como forma de mitigar os efeitos oriundos das condições externas: calor e/ou chuva, terreno acidentado etc. O esforço do professor em propor alternativas para o ensino-aprendizagem da Educação Física precisa ser valorizado e, ao mesmo tempo, problematizado sob os riscos de naturalização dessa condição inadequada.

Da mesma forma, a ausência e/ou insuficiência dos recursos materiais também causam

<sup>6</sup> Certeau (1994) assevera que os indivíduos não consomem passivamente os bens culturais a eles ofertados. Ao contrário, há uma estética da recepção em que os sujeitos ressignificam e imprimem as suas marcas, seus desejos e interesses no cotidiano social.

incômodo ao docente e aos discentes, que têm suas atividades prejudicadas devido a estes aspectos, limitando as experiências e possibilidades de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física. Ficou constatado que essa unidade de ensino está distante de conseguir cumprir com as exigências curriculares preconizadas pela BNCC.

A avaliação negativa por parte dos estudantes acerca da infraestrutura e dos materiais disponíveis na escola pesquisada, independente dos esforços do professor em propor alternativas, gera como consequência a falta de motivação para o engajamento nas aulas de Educação Física.

Por fim, registramos aqui a nossa defesa da importância de políticas públicas destinadas à melhoria das condições de trabalho docente, em especial, no investimento em infraestrutura e em materiais didáticos-pedagógicos necessários para a materialização da Educação Física. Dotar as escolas de infraestrutura e de materiais adequados é um direito social que todo cidadão em idade escolar tem e que precisa ser efetivado.

## Referências

ARAÚJO, S. N. O tempo e o espaço da Educação Física em escolas da rede municipal de Guarani das Missões/RS. **Motrivivência**, Florianópolis, Ano XXIV, n. 39, p. 25-34, dez. 2012.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, jun. 1999.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. XIX, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei n. 12.796**, de 4 de abril de 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas da Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CANESTRARO, J. F.; ZULAI, L. C.; KOGUT, M. C. **Principais Dificuldades Que O Professor De Educação Física Enfrenta No Processo De Ensino-Aprendizagem Do Ensino Fundamental E Sua Influência No Trabalho Escolar**. VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE 2008, Paraná, Volume: 1

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

CHARLOT, B. Ensinar a educação física ou ajudar o aluno a aprender o seu corpo-sujeito? In: DANTAS JÚNIOR, H. S.; RIBEIRO, S. D. D. (org.). **Educação física, esporte e sociedade**: temas emergentes. São Cristóvão: Editora da UFS, 2009. p. 231-246.

DAMAZIO, M.; SILVA, M. F. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 189-196, maio/ago. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados populacionais das cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/miranorte/panorama>>. Acesso em: 2 jan. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2017**. Brasília: Inep, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep>>.

gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 3 dez. 2019.

LANO, M. B. **Usos da avaliação indiciária na educação física com a educação infantil**. 2019. 148 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

MARCON, D. et al. O conhecimento do contexto na construção do conhecimento pedagógico do conteúdo dos futuros professores de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 3, p. 522-532, jul./set. 2016.

MELLO, A. S. et al. A educação infantil na Base Nacional Comum Curricular: pressupostos e interfaces com a educação física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 130-149, set. 2016.

MOREIRA, C. H. et al. Motivação de estudantes nas aulas de educação física: um estudo de revisão. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 2, p. 67-79, maio/ago. 2017.

OLIVEIRA, C. F.; SILVA, L. O. **Arquitetura escolar**: A visão dos professores de Educação Física. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/view/979/579>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

OLIVEIRA, R. C.; DAÓLIO, J. Educação física, prática pedagógica e não-diretividade: a produção de uma “periferia da quadra”. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 71-94, abr./jun. 2014.

PRANDINA, M. Z.; SANTOS, M. L. A educação física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Horizontes**, Dourados, v. 4, n. 8, jul./dez. 2016.

SEBASTIÃO, L.; FREIRE, E. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 1-12, set./dez. 2009.

SOUZA JÚNIOR, M.; SANTIAGO, E.; TAVARES, M. Currículo e saberes escolares: ambiguidades, dúvidas e conflitos. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1, v. 64, p. 183-196, jan./abr. 2011.

SOUZA LIMA, M. W. **Espaços educativos**: usos e construções. Brasília: MEC, 1998.

TOKUYOCHI, J. H. et al. Retrato dos professores de Educação Física das escolas estaduais do estado de São Paulo. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 4, p.418-428, out./dez. 2008.

Recebido em 30 de março de 2020.

Aceito em 20 de abril de 2020.